

**A ESCOLA CONTEMPORÂNEA E A QUESTÃO DA EMANCIPAÇÃO HUMANA**

Veralúcia Pinheiro (pinheirovp@yahoo.com.br)\*

**Introdução**

Propomos neste texto debater a interferência das discussões advindas do mercado nas temáticas desenvolvidas no interior das escolas e universidades. Tal preocupação surgiu em especial, a partir do tema adotado por uma escola de samba que foi campeã do carnaval de 2008 em São Paulo. Este samba enaltecia o valor da educação, afirmando que só a educação seria capaz de “passar o país a limpo” e transformar nossa realidade. Na verdade, este samba constitui-se em apenas um, dentre as inúmeras apologias feitas à educação pela indústria cultural e pelas mídias em geral. Os meios de comunicação de massa insistem em reafirmar a educação como o instrumento ideal para as necessárias mudanças, que devem ser buscadas em sintonia com o mercado. Daí que as instituições de ensino, inclusive as universidades elegeram como foco privilegiado as questões de gênero, etnia, sexualidade etc. deixando de lado a temática universal da emancipação humana, acreditando que basta incluir no mundo do consumo, o negro, o homossexual etc, para garantir uma sociedade justa e humana.

**Revisão Bibliográfica**

Contraopondo-nos a essa perspectiva, buscamos inspiração na analogia feita por Rouanet (2003), em um ensaio intitulado *A coruja e o sambódromo*. A coruja, animal totêmico do universalismo iluminista, estaria, após um vôo pelo mundo afora, desconsolada com o que viu. Nesta viagem, ela percebe com angústia que a razão universal e a emancipação humana estão ameaçadas. Visitando, de início, países como a Rússia, a Iugoslávia, e a Alemanha, a Coruja observa, desesperada, o surgimento dos neonazistas e de outros “militantes” que lutam por suas respectivas “identidades culturais”, alimentando, em contrapartida, um profundo ódio ao “outro”, ao diferente. Sua visita às várias universidades

\* Professora da Universidade Estadual de Goiás – UnUCSEH. Doutora em Educação.

do mundo não lhe oferece consolo, muito pelo contrário, pois percebe que nelas, embora a discussão dos direitos humanos esteja sempre presente, o que se discute não é a liberdade do gênero humano, mas preocupações com termos “politicamente corretos”. Em relação as universidades brasileiras, acreditamos que a Coruja também teria motivos para se preocupar. Aqui, a partir dos anos 1990 os meios de comunicação colocaram a educação no patamar de um novo “messias” que vem nos salvar. Mas, isto não é uma novidade. Na década de 1960, o projeto nacional-desenvolvimentista, pretendia como mostra Fernandes (1997), nos levar para a modernidade, recorrendo à alavanca da educação. Contudo, a pretensa modernidade da década de 1960 limitou-se a transformar a escola em instituição de assistência pública para os desabrigados que os filhos dos pobres freqüentavam, infelizmente, não em busca do conhecimento, mas de abrigo. Reduziu-se, assim, o campo político ao campo do assistencial. Tal redução constitui-se na contraface da degradação do político ao jogo do mercado, numa lógica que aprofundou ainda mais o caráter excludente da educação brasileira.

### **Material e Métodos**

Pesquisa bibliográfica, diálogo com P. Bourdieu.

### **Conclusões**

A (re)-invenção de termos como “sociedade do conhecimento”, “redes” “parcerias” e etc. tem o propósito de oferecer respostas às demandas da população e, é claro que, no bojo destas demandas, a educação ocuparia um lugar central. No entanto, acreditamos que as mudanças só podem ocorrer a partir da resistência dos próprios sujeitos envolvidos, cujas práticas sociais se vinculam à construção de uma contra-hegemonia que se espalha pelo interior da escola e questiona a legitimidade desta instituição, que ao longo de sua existência, prioritariamente reproduziu e reforçou a divisão da sociedade em classes sociais.

### **Referências**

FERNANDES, Heloísa Rodrigues. “Infância e modernidade: doença do olhar”. In: GHIRALDELLI JR. Paulo (Org.). *Infância, escola e modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997.  
ROUANET. Sérgio Paulo. *Mal estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.